

## “A Complexidade Familiar em Alfama”

CRISTINA SANTOS SILVA

---

### 1. Introdução:

A presente comunicação procura reflectir sobre um percurso de investigação de vários anos no bairro histórico de Alfama - que culminou na elaboração de uma tese de mestrado na área da sociologia da família - através do qual se tem vindo a caracterizar a especificidade sociocultural da população deste bairro. No âmbito dessa especificidade que se consubstancia em diversos fenómenos de ordem sociológica, a nossa curiosidade centrou-se na existência de numerosas famílias alargadas e múltiplas que residem neste bairro, na maior parte dos casos em habitações inadequadas a tais estruturas familiares.

Partindo do pressuposto inicial de que as famílias complexas existentes em meio urbano obedecem a modelos de organização familiar naturalmente diversos dos que foram encontrados para o meio rural e baseando-nos na evolução dos estudos sobre a família que vieram contrariar a tese da sua progressiva nuclearização e proclamar a diversidade de estruturas familiares que coexistiram ao longo do tempo, pretende-se compreender o processo de formação dos grupos domésticos e as estratégias accionadas ao longo da trajectória familiar que explicam a existência de estruturas familiares de tipo complexo em meio urbano actualmente.

Tendo como pano de fundo a problemática anteriormente referida, procurou-se responder às seguintes questões: qual foi o processo de formação dos grupos domésticos complexos; qual é a sua estrutura; qual é a função económica e social de cada um dos seus membros e que estratégias de reprodução lhe estão subjacentes; qual é a dinâmica da vida familiar; e que tipos de interacção e entreajuda podemos encontrar entre os membros destas famílias e entre estes e a rede de parentesco mais alargada? Dar a conhecer os principais traços distintivos das famílias complexas de Alfama é afinal o principal objectivo desta comunicação.

Para podermos compreender melhor a problemática da complexidade familiar optámos por utilizar duas estratégias metodológicas complementares: uma de tipo mais extensivo, de modo a ser possível quantificar os grupos domésticos de Alfama e caracterizá-los de acordo com algumas variáveis de nível mais estrutural; e outra de tipo intensivo, através de entrevistas semi-estruturadas, que permitissem perceber o processo de formação das famílias complexas e a sua evolução ao longo da trajectória familiar.<sup>1</sup>

O modelo de análise construído privilegiou uma perspectiva desenvolvimentista para analisar a família, ou seja, procurou-se compreender a vida familiar como uma dinâmica que funciona sobre dois parâmetros: o tempo e o espaço social. Esta ideia conduz-nos para a percepção de que o grupo doméstico é como um processo que muda ao longo do ciclo de vida familiar e que se expande e contrai de acordo com as necessidades da família e/ou em resposta a condicionamentos externos.

Neste sentido foram formuladas as seguintes hipóteses orientadoras da investigação:

---

<sup>1</sup> Foi realizado o tratamento estatístico de uma base de dados elaborada a partir de um inquérito por questionário aplicado à população de Alfama e foram entrevistadas em profundidade 18 famílias – 011 alargadas, 4 múltiplas e 3 nucleares que já tinham passado por momentos de complexidade. Para um aprofundamento de nível teórico e metodológico deverá ser consultada: Silva, Cristina Santos, *A Complexidade Familiar: Processos de Formação, Estratégias e Solidariedades dos Grupos Domésticos em Alfama*, Tese de Mestrado, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 1998.

1 - A complexidade familiar poderá estar relacionada com o processo de migração de origem rural de que foi alvo Alfama. O processo de migração para Alfama originou determinadas condições facilitadoras da formação de grupos domésticos alargados, como por exemplo, a necessidade de adaptação rápida à comunidade de acolhimento, a falta de alojamento, a obrigação do trabalho da mãe, as dificuldades da guarda das crianças e a necessidade de sobreviver com um emprego precário e com salários baixos, que fazem com que a co-habitação seja mais imposta do que desejada. Na ausência de leis sociais realmente eficazes em caso de doença ou de pobreza, as pessoas não tinham outra solução a não ser voltarem-se para os parentes mais próximos, constituindo grupos domésticos alargados no seio dos quais funcionava uma entreaajuda recíproca.

2 - Os membros das famílias complexas pertencem maioritariamente às "classes populares urbanas", ou seja, são famílias que dispõem de baixas qualificações escolares e profissionais e, conseqüentemente, de poucos recursos económicos. Deste modo, a opção por uma forma complexa de organização familiar poderá constituir - independentemente do processo de migração - uma estratégia de optimização dos recursos económicos disponíveis de modo a ser possível a sobrevivência e a reprodução biológica e económica do grupo doméstico.

3 - Os processos de formação das famílias complexas poderão estar associados a uma fase de transição da vida dos membros do agregado doméstico ao longo do seu ciclo familiar, ou seja, os grupos domésticos complexos poderão corresponder a uma forma de organização familiar transitória que provavelmente será substituída por outra estrutura familiar numa fase posterior do ciclo de vida da família. As famílias complexas seriam, então, uma resposta a crises de transição da vida familiar, com o objectivo da prestação de assistência a parentes ou da manifestação de solidariedade familiar.

Em síntese pretende-se aqui responder a duas grandes questões:

- Que factores poderão explicar a existência de uma proporção elevada de grupos domésticos de estrutura alargada ou múltipla em contexto urbano nos nossos dias?
- Será que estamos perante uma forma de organização familiar específica decorrente de condicionamentos estruturais no contexto de Alfama ou será que a complexidade familiar obedece a lógicas internas à vida familiar consubstanciadas em estratégias e interações próprias que definem uma determinada dinâmica familiar?

## **2. Processos de formação da complexidade familiar e sua reprodução:**

Em primeiro lugar, foi possível confirmar que os grupos domésticos são unidades dinâmicas cuja estrutura varia ao longo do ciclo de vida familiar como resposta quer a condicionamentos externos, quer a crises de transição internas. Neste sentido, identificámos vários momentos de complexidade que correspondem a fases do ciclo de vida familiar nas quais o grupo doméstico se alargou pela inclusão de outros familiares.

Sendo assim, as famílias complexas formam-se hoje, essencialmente, devido à necessidade de acolher determinados familiares em situação de crise, ou seja, a complexidade é uma resposta transitória a um problema familiar, como por exemplo a gravidez súbita de uma filha e conseqüente casamento ou a doença grave de um dos ascendentes do casal. Identificámos, então, dois grandes momentos de complexidade que decorrem do alojamento no seio do grupo doméstico do novo casal formado por um dos filhos e do acolhimento dos pais ou sogros idosos. Estes momentos de complexidade são assim previsíveis e surgem como uma resposta a uma fase do ciclo de vida do grupo doméstico, na qual é necessário accionar as redes de solidariedade familiares.

“(...)e como a gente não tinha nada, o meu pai vem falar comigo e diz-me assim: ‘então não casas com muito, casas com pouco, eu quando casei também casei sem nada e hoje temos a nossa casa. Tu tens aqui o teu quarto, vens para aqui e casas-te!’. E assim foi, combinámos o casamento.”

Paulo, 70 anos, reformado (ex-contínuo), família nuclear

A família demonstra, assim, desempenhar um papel assistencial crucial ao longo de toda a sua trajetória. De facto, é notória a força da ideia de troca e reciprocidade de serviços entre os membros da família transmitida pelos nossos entrevistados, que se traduz numa forte solidariedade intergeracional, ilustrada pelas ajudas financeiras aos filhos, pela guarda dos netos, pelo acolhimento de pais viúvos ou doentes, entre outras manifestações de entreaajuda.

“O primeiro local onde morámos foi até hoje a casa da minha mãe. Então, passámos uma vida juntas, sempre a fazer tudo, é assim mesmo, e de repente não ia deixar ficar a minha mãe sozinha. Naquela altura não tinha lógica. Pronto, a casa é relativamente grande, não é?! Mas, exactamente porque ela estava sozinha, eu estava no princípio e o ordenado também não era muito grande, apesar do meu marido também trabalhar, mas... era também um dispêndio muito grande. Foi mais uma questão económica e de bem-estar.”

Marília, 42 anos, doméstica (ex- auxiliar de enfermagem), família alargada

Inclusive, esta solidariedade familiar substitui-se ao Estado na sua função de apoio social, como por exemplo através da guarda dos netos pelos avós como resposta à carência de creches e infantários públicos. As lógicas da sociedade-providência podem, assim, funcionar como um complemento das instituições pertencentes ao Estado-providência, para as situações às quais este tem dificuldade em encontrar soluções adequadas.

“Fiquei grávida e fui viver para a minha sogra com melhores condições do que as que tinha na minha mãe, uma boa casa-de-banho, uma boa casa, ela era uma pessoa sozinha, o meu sogro estava em Viseu, ela trabalhava na TAP, ajudou-nos bastante. Portanto as condições da casa foram logo diferentes, porque ela tinha o quarto dela, e eu mesmo que tivesse um filho, como tive, mesmo que tivesse um rapaz ou uma rapariga tinha um sítio logo para pôr uma cama de bebé, que foi o que eu comprei. Já vivia muito bem e ela foi uma pessoa que me ajudou muito. Já viu, naquela altura, trabalhava na TAP e ajudava-me muito. Ajudou-me a criar o meu filho e ajudou-nos muito, em não pagar casa, água, nem luz, nem gás. Isso era ela que pagava, e portanto o que eu ganhava e ele era para o comer e para alguma despesa que havia de roupa, nunca conseguimos juntar, isso é normal, mas prontos nunca devemos nada a ninguém.”

Edite, 36 anos, empregada de limpezas e vendedora ambulante, família nuclear

Apesar do ideal de família dos nossos entrevistados não corresponder à família complexa (pelo menos, enquanto estrutura permanente), verificámos que na prática a complexidade familiar é até em certa medida desejada pelos pais que acolhem o novo casal, dado que eles estão dispostos a fazer todo o tipo de sacrifícios pelo bem-estar dos seus filhos e principalmente porque desta forma não ficam sozinhos. Verificámos, assim, que a complexificação do grupo doméstico é aceite naturalmente por ambas as partes, sendo a convivência pacífica.

“Não, não me sinto mal em casa dos meus sogros. Não digo que me sentisse mal, pois há uma convivência muito sã, mas só que tinha era que procurar uma casa... Não, o arrependimento às vezes é mais porque houve um, como hei-de dizer, um encostar, vamos chamar assim um acomodar, mas não é um acomodar por preguiça, é um acomodar porque na altura havia dificuldades e os ordenados eram muito baixinhos. Foi uma época talvez mais difícil que houve na minha geração, não só para arranjar emprego, mas principalmente para comprar uma casa, juros altíssimos, uma coisa maluca! E eu pensei nisso também e andei a indagar mas não houve

hipótese de nada. Agora, a convivência com os meus sogros continua a ser muito boa, muito sã.”

Luís, 46 anos, aposentado (ex-conferente de armazém), família múltipla

Quanto aos filhos, o desejo de constituir uma família nuclear é algo que se pode encarar como um ideal, por vezes, de difícil concretização, pois dadas as suas situações económicas seria quase impossível a sua sobrevivência sem o apoio e a ajuda dos pais.

Estas dificuldades económicas do início de vida são ainda agravadas pela origem social dos nossos entrevistados, pois não se encontram situações de herança ou de existência de um património que lhes permita fazer o arranque da vida conjugal sozinhos. Mais tarde, quando a sua vida está mais estabilizada acabam frequentemente por não sair de casa: porque se acomodaram à situação mas, fundamentalmente, porque agora que os pais estão velhos não seria justo abandoná-los, pelo que os nossos entrevistados pensam ter chegado a altura de lhes retribuir o apoio prestado e o afecto demonstrado.

“Fiquei logo grávida, entretanto o meu padrasto adoeceu, a casa era grande. Ainda arranjei uma casa a pagar renda, não comprei, aluguei. Nunca cheguei a habitá-la porque entretanto o meu padrasto adoeceu, ela ficou sozinha... E eu, pronto, deixámos a casa e fico com a minha mãe. Porque nunca a deixei, não é? Fiquei sempre com ela. (...) Ela gostava que eu tivesse o meu espaço, mas que também estivesse ali, queria as duas coisas ao mesmo tempo. Porque ela nunca esteve sozinha e acho que não se habituava...”

Helena, 32 anos, empregada de refeitório, família alargada

Deste modo, as justificações para a permanência em situação de complexidade são essencialmente de ordem económica, mas também de ordem afectiva, estas últimas intimamente interligadas com claras normas de retribuição e reciprocidade no seio da família.

Verificámos ainda outro fenómeno que é o da reprodução da complexidade: como a família de origem já passou por um processo de complexidade, há uma disposição dos nossos entrevistados para a constituição de grupos domésticos complexos ou para muito simplesmente permanecerem em casa dos seus pais depois de casados, casa essa que em muitos casos já foi antes lugar de complexidade nas gerações anteriores, sendo por isso natural que o volte a ser. A complexidade familiar é assim um fenómeno cíclico ao longo da trajectória familiar, constituindo-se como uma manifestação de entreaajuda e solidariedade entre os membros do grupo doméstico.

### **“Cá em casa cabe sempre mais um!” - o contexto histórico-social de Alfama:**

Em segundo lugar, verificou-se que a formação de grupos domésticos complexos foi também, no passado, consequência da conjuntura de migrações de trabalho de que foi alvo o bairro de Alfama, na medida em que muitas das famílias entrevistadas complexificaram o seu agregado através do alojamento quer de hóspedes, quer dos seus parentes que vinham trabalhar para a cidade.

“Ficou lá em casa muita gente. Toda a gente que vinha das aldeias do meu pai e da minha mãe, porque eram aldeias muito juntas, era sempre para casa dos meus pais que vinham. Por isso vieram os meus tios, que eu me lembre, vieram viver para lá e trabalhar em Lisboa, ficavam lá todos. Algumas primas minhas também vieram para lá, acabaram por casar na minha casa, depois é que foram viver para a casa delas, pelo menos três... quatro primas minhas. A minha casa teve sempre gente e era uma casa muito pequenina e é!”

Jorge, 35 anos, desempregado (ex-servente de armazém), família nuclear

As situações de hospedagem (aluguer de quartos ou de partes de casa) estavam predominantemente associadas a migrações de famílias ou de indivíduos isolados que assim que possível traziam a mulher e os filhos. Deste modo, a hospedagem implicava uma vivência partilhada do espaço habitacional e o ambiente era habitualmente considerado como familiar, ou seja, a família residente ao acolher os hóspedes estava no fundo a constituir-se como um grupo doméstico complexo. As refeições eram frequentemente realizadas em conjunto e os momentos de lazer eram intimamente partilhados, havendo inclusive casos em que as famílias se uniam através de laços de aliança, com a morte de um dos cônjuges arrendatários do fogo e a viuvez de um dos hóspedes ou com o casamento de alguns dos seus filhos.

“A maior parte deles vêm para quartos alugados e houve casos em que continuaram a viver nessas casas o resto da vida, houve casas que acabaram por as partes de casa serem separadas e fazerem duas casas. Partes da casa foram separadas da casa e acabaram por constituir um fogo para a família que lá vivia. Eu penso que esta zona teria sido sempre, maioritariamente, de migrantes e a gente via que os naturais, os naturais eram uma minoria! Portanto eles vêm para casas que já estavam ocupadas, aquilo foi uma sobre-ocupação. Na casa onde eu vivia, no Beco da Lapa, era uma casa bastante grande, também viviam duas famílias. Porque havia uma situação que as casas eram bastante caras, as rendas eram muito caras.”

João, 60 anos, reformado (ex-tipógrafo), família múltipla

Por outro lado, principalmente nas primeiras décadas do nosso século, existiu outro tipo de processo migratório a que chamámos de individual e que se traduzia pelo envio de jovens adolescentes da província para a cidade pelos pais, com o objectivo de, através da ajuda dos seus parentes já radicados no local de destino, conseguirem um futuro melhor para esses jovens migrantes. O seu percurso profissional era quase sempre o mesmo: os rapazes vinham trabalhar como marçanos ou aprendizes de algum ofício e as raparigas vinham trabalhar como criadas de servir das famílias mais abastadas.

“A minha mãe era da Pampilhosa da Serra. Acho que veio para cá muito novinha, para aí com dezoito anos e esteve cá a partir daí, como empregada. Naquela altura era a servir ali numa família que eram os nobres de Alcântara. ‘Teve muitos anos ali e depois ‘teve em casa de uma outra senhora...”

Marília, 42 anos, doméstica (ex-auxiliar de enfermagem), família alargada

Estas migrações individuais constituíam, também, um momento de complexidade do grupo doméstico receptor que era quase sempre constituído pelos tios do jovem. O acolhimento dos sobrinhos significava para muitas destas famílias uma oportunidade de ajudarem os seus irmãos ou irmãs mais carenciados economicamente, mas escondia também o interesse de melhorarem os seus rendimentos através da exploração do sobrinho ou sobrinha, pois muitas vezes estes jovens iam trabalhar no pequeno negócio dos tios, com uma remuneração irrisória e sem hipóteses de evolução na profissão.

“Eu no meu caso passei muito... Davam a sopa de café demanhã e se eu não a comesse toda, depois não tinha nada. Lá na terra a gente graças a Deus comia, embora às vezes fossemos para a bicha do pão e estivessemos de madrugada para trazer uma carcaça de quatro tostões, mas bebíamos café com leite. Cá era só café e o almoço era comida que sobrava do dia antes, até uma peça de fruta, depois quando veio a minha irmã também, era metade para um e metade para outro. E casa de ricos, sinceramente, e casa de ricos! E sabe Deus com que sacrifício no Natal os meus velhotes de vez em quando lá mandavam os presuntos e isto e aquilo e eu até cheguei a esfregar o meu quarto! Cheguei a esfregar o soalho do meu quarto com sabão azul e branco, lá na terra alguma vez fiz isso!? Eram as minhas irmãs ou a minha mãe. Mais tarde é que puseram oleado, mas eu tinha que passar um pano em

cima e fazia a minha cama até quase ir para a tropa. Não fui tratado como sobrinho e muito menos como afilhado!”

Manuel, 61 anos, empregado de balcão, família alargada

Verificámos, assim, que os primeiros migrantes já instalados em Alfama estavam permanentemente dispostos a acolher os seus familiares da província, mantendo inclusive o espaço residencial em situação de polivalência – havia sempre colchões ou camas de abrir e fechar disponíveis para quem chegasse, quer se tratasse de uma família no início do seu processo de migração, de alguns parentes em situação de doença ou de internamento hospitalar, ou de algum sobrinho que vinha estudar ou trabalhar para a capital - complexidade esta que encontrámos ainda actualmente.

“Houve uma altura que já estava o meu irmão casado, que eram duas pessoas, era a minha mãe, era eu éramos quatro, era a minha prima, o marido e os dois filhos, oito, era a outra minha prima, nove, e acho que ainda era outra pessoa que já não me lembro bem quem era, que ficava na sala. Portanto éramos dez pessoas lá em casa, numa casa com dois quartos, sala, cozinha e uma despensa!(...) Era tudo polivalente, desde a cozinha à sala. Eu lembro-me que na cozinha na altura havia um divã de abrir e fechar com uma cortina que à noite era corrida, onde dormia uma das minhas primas. Na sala a mesma coisa. Os quartos eram polivalentes do género ter duas camas ou colchões no chão, ou coisa que o valha, por isso toda a casa era ocupada e à noite transformava-se totalmente para caber aquela gente toda lá em casa!”

Jorge, 35 anos, desempregado (ex-servente de armazém), família nuclear

Confirma-se mais uma vez que a complexidade é cíclica e vai-se reproduzindo de geração para geração, demonstrando neste caso a existência de fortes laços de entreajuda entre os migrantes e a sua família que permanece na comunidade de origem. O processo de migração para Alfama desempenha assim um papel fundamental no desenvolvimento das solidariedades familiares e na consequente disposição para a complexificação dos grupos domésticos.

#### **4. Condições de vida e classe social das famílias complexas:**

Verificámos, também, que a complexidade familiar das famílias entrevistadas está associada à sua classe social. Como já referimos, a falta de qualificações escolares e a falta de recursos económicos, decorrente das baixas categorias sociais a que pertencem os nossos entrevistados, não lhes deixa outra opção senão recorrer à solidariedade familiar, o que é mais frequente ainda quando se trata de casais jovens em início de vida.

“Os meus pais eram os dois de Alfama...nascemos todos cá, sete filhos todos nasceram em casa. E já lá nasceu a minha mãe. Portanto, a minha mãe ficou a morar na casa onde nasceu, no 28 do Beco da Lapa, o meu pai é que foi morar para ao pé da minha mãe. Foi lá que nascemos todos, e os meus sobrinhos, também. A minha irmã casou-se e ficou a morar lá em casa, e depois nasceu o meu sobrinho, já faleceu, com 27 anos. Nós vivíamos muito pior, éramos sete, mas ela casou e teve o meu sobrinho lá, a minha mãe amamentou-o, porque tinha o meu irmão com um ano e meio, era quase nosso meio irmão. A minha irmã casou, aconteceu ficar grávida e ficou lá em casa. A minha mãe ao mesmo tempo que amamentava o meu irmão, amamentava o meu sobrinho. E nesta altura não havia trabalho, era a venda, a minha mãe vivia da venda, ia buscar coisas à Ribeira e vendíamos fruta, hortaliça e assim. E pronto, vinha dar de mamar ao meu irmão mais novo e também dava ao meu sobrinho. Eu também cresci na venda. Das raparigas sou a mais nova e depois tenho mais dois irmãos. A minha mãe vendia peixe e depois dava outro tanto peixe para a gente vender, na nossa porta, no r/c, e depois vendíamos, hortaliça, também. Pronto era do que a gente vivia.”

Edite, 36 anos, empregada de limpezas e vendedora ambulante, família nuclear

A complexidade familiar surge-nos, assim, como uma estratégia de maximização dos poucos recursos económicos do grupo doméstico, pois o alargamento da família permite melhorar o orçamento familiar através da partilha de rendimentos e da divisão das despesas, numa lógica em que todos os membros do agregado contribuem para o bem-estar familiar.

“Tenho aí um filho que mora aí em frente, que a sogra pô-lo na rua, a ele e à mulher, e ele veio para aqui viver, dormiu aqui nesta sala mais a mulher. Agora, pronto, arranjaram aquele seu buraquinho e lá estão, mas está sempre aqui, come sempre aqui! A minha mulher põe a panela ao lume e se dá para 4 dá para 5... A gente é que tem que entrar com a comida para todos! Faz-se uma panela de sopa, foram criados com sopa nem notam, e pronto faz-se uma panela de sopa e todos comem...”

António, 65 anos, reformado (ex-estivador), família alargada

A juntar a este cenário de dificuldades económicas, encontramos ainda a falta de condições de habitabilidade da maior parte das casas das famílias entrevistadas, que demonstram como a vivência da complexidade se faz em condições de vida muito adversas. Embora este cenário fosse típico das famílias de origem dos nossos entrevistados, o que se verificou é que a carência de recursos económicos e habitacionais se reproduz de pais para filhos, ou seja, é também a necessidade de sobrevivência económica que explica a complexidade familiar dos nossos entrevistados actualmente.

“Neste momento estamos organizados assim: quem está a trabalhar fora é a minha mulher e o meu mais velho. Eu já estou aposentado. Os meus sogros, ela é doméstica, ele era estivador também já está reformado. Os mais novos esses estão a estudar, o meu sobrinho esse trabalha. (...) Eles ajudam em casa, ou por outra ajudaram até começarem a trabalhar. O do meio ajuda, o mais novo também dentro dos limites dele, eu também ajudo naquilo que me é possível. A minha sogra também já é uma senhora de uma idade um bocado avançada, doente, já não tem hipótese de fazer o mínimo em condições. O meu sogro gosta muito de cozinhar e eu também. Portanto, as tarefas da casa estão mais ou menos distribuídas. (...) As compras nós estabelecemos em casa, as compras da casa, as mercearias, sei lá, o uso diário da casa, nós fazemos compras ao mês. Vamos a um supermercado e compramos o que necessitamos para o mês, às vezes pode não chegar, mas é quase sempre. Agora assim aquelas despesas correntes, vamos chamar assim, o telefone, água, luz, isso estabelecemos é a parte dos meus sogros, são eles que pagam e nós fazemos as outras despesas.”

Luís, 46 anos, aposentado (ex-conferente de armazém), família múltipla

## **5. A família ‘ainda’ é o mais importante - grupos domésticos complexos e redes de parentesco:**

Verificámos, ainda, a existência de uma evidente entreajuda entre o grupo doméstico complexo e a sua rede de parentesco mais alargada.

Para os nossos entrevistados a família é o valor mais importante e esta é constituída por aqueles com quem se vive diariamente e entre quem se dão as trocas afectivas e materiais quotidianas, mas também por aqueles familiares mais afastados a quem se pede ou se dá ajuda se necessário.

“Dos meus pais ficaram-me as ideias, principalmente de honestidade acima de tudo, e de convivência, de amizade, e principalmente família, familiar, que tento de alguma maneira transmitir para os meus filhos. (...) A família é o mais importante... porque eu lembro-me na ocasião, o Natal por exemplo, toda a gente passava em casa do meu avô, vinham os filhos, os meus tios e os meus primos, era tudo ali! Hoje em dia já não ligam muito, mas havia um aconchego familiar que hoje não há... (...) Para mim o mais importante na família é a convivência...”

Luís, 46 anos, aposentado (ex-conferente de armazém), família múltipla

Neste sentido, os fortes laços afectivos entre irmãos e irmãs são uma das conclusões mais inequívocas da nossa pesquisa. Efectivamente, os laços de germanidade mantêm-se por toda a vida e são os irmãos que se constituem - para além dos pais e sogros - como fonte de ajuda e apoio em caso de necessidade. Estes laços são mais fortes ainda entre irmãs, confirmando a uxorialidade já encontrada quando analisámos a estrutura dos grupos domésticos complexos, onde se verificou que o sentido do alargamento era fundamentalmente às mulheres da família.

Os irmãos e irmãs vão ainda mais longe no apoio prestado, pois sempre que conseguiram ascender às camadas mais elevadas da estrutura social, procuram dar aos seus irmãos ajuda no sentido da sua promoção social, oferecendo-lhes hipóteses de empregos mais qualificados ou ainda bens de consumo de luxo característicos das classes mais favorecidas.

“Somos muito unidos, nós somos três irmãos, mas somos muito agarrados uns aos outros. (...) Eu moro na Amadora, mas tenho esta loja aqui em Alfama, que me levanto às cinco e meia da manhã e que chego a casa às onze e tal, meia-noite, daí como eu tenho necessidade os meus filhos ficam em casa da minha irmã todos os dias, aqui em casa dela. Como a escola dos meus filhos é perto, em casa da minha irmã acabam por morar ela e o marido, é lógico, e o filho deles e o meu irmão que é solteiro e os meus dois filhos durante toda a semana. (...) Portanto no princípio eles ficaram lá porque era a casa dos meus pais e eles estavam com a minha mãe e com a minha irmã, depois a minha irmã casou e não quis sair, ficou com os meus pais e depois foram os meus pais que foram viver para Fernão Ferro, e ficou a minha irmã com a casa e com os meus filhos, no fundo foi ela que os criou... (...) Quando eram pequeninos deixei-os lá para não ficarem sozinhos e agora eles é que já não querem sair, têm lá a escola, têm lá os amigos, e já não querem vir morar connosco, então a minha irmã é que os adoptou.”

Anabela, 35 anos, dona de mercearia, família nuclear

Constatámos, assim, que apesar das relações verticais ocuparem a fatia mais larga das relações familiares, os irmãos e os cunhados fazem também parte daqueles que são considerados família, pois são os que estão mais próximos afectivamente e com os quais se estabelece a maior parte das trocas.

Mas foi possível, também, verificar a existência de trocas entre o grupo doméstico complexo e a rede de parentesco mais alargada (por exemplo, ajuda financeira, apoio em caso de doença, empréstimo de casa para férias, etc.), o que demonstra que, apesar de nalguns casos os contactos não serem frequentes, a rede de parentes funciona como um recurso latente que a família complexa sabe que pode accionar em caso de necessidade. Por outro lado, sempre que os parentes necessitarem abre-se a porta para os alojar pelo tempo que for necessário e inclusive os nossos entrevistados estão dispostos a ceder a sua cama.

“Tínhamos um quarto já como visita, um dia que viesse alguém lá da terra...vinha muita gente lá da terra que não conheciam cá ninguém, mas como tinham a gente, mesmo pessoas que não eram da nossa família! Vinham os meu tios, uns primos meus e que sabiam que a gente morávamos ali e que tínhamos flexibilidade... Ou mesmo se viesse uns tios e viessem os filhos, agarrava-se, tirava-se um colchão da cama, punha-se o colchão na sala... Fosse pelo tempo que fosse! (...) Só a minha tia que nos deixou ficar os bens é que viveu lá até morrer, até morrer lá em casa, porque estava sozinha na terra e para não andar a pedir às outras sobrinhas para ficarem lá com ela... ela já tinha uma certa idade para estar a pedir hoje para ir uma sobrinha dormir com ela, amanhã ia outra e depois a outra não queria, e ela coitadita nisto... O resto vinham só de visita, ou por exemplo tinham de vir ao médico ou ao hospital e vinham e iam direito a nossa casa, onde ficavam até estarem despachados do hospital. Por exemplo, se a pessoa quando vinham ao hospital ficava internada,



vinham nos fins-de-semana e iam direito a minha casa e ficavam lá de um dia para outro, depois acabava a visita, iam-se embora para casa.”

Paulo, 70 anos, reformado (ex-contínuo), família nuclear

Esta solidariedade e este espírito de entreajuda é essencialmente familiar, mas no entanto também se aplica aos vizinhos e amigos do bairro ou até a estranhos que estejam em situação de carência extrema, confirmando-se o seu carácter assistencial. Para além das trocas e interações entre os membros da família, existem ainda as relações de vizinhança e a entreajuda características de Alfama, que também reforçam a solidariedade que encontramos entre as famílias entrevistadas e que conduzem em última instância à complexidade familiar.

## 6. Conclusão:

A complexidade familiar no presente é, então, fundamentalmente uma manifestação de solidariedade familiar e assistencial. Apesar de ser desencadeada por factores mais de tipo estrutural como as carências económica e habitacional, é uma opção que procura responder também às necessidades internas da família e às suas fases de transição - como a viuvez de um dos cônjuges, a gravidez imprevista de uma filha e um divórcio ou separação - acompanhando assim o desenvolvimento da trajectória familiar.

No passado, embora fosse também provocada pela falta de habitação e de meios de subsistência, a complexidade dos grupos domésticos estava ainda associada aos processos de migração de que foi alvo Alfama, onde a solidariedade assistencial se traduzia em práticas de hospedagem de migrantes e de acolhimento de parentes da província.

Embora, actualmente, a solidariedade familiar seja mais evidente e mais forte entre pais, filhos, netos, irmãos e irmãs, o papel assistencial da família alarga-se sempre que necessário ao resto da rede de parentesco, pois existem ainda fortes laços de entreajuda entre a família complexa e os parentes mais afastados.

Estas conclusões a que chegámos não seriam possíveis se não tivéssemos optado por utilizar duas abordagens metodológicas distintas. De facto, confirmou-se que apenas com uma abordagem fotográfica, de tipo mais extensivo, não se consegue explicar o fenómeno da complexidade familiar, pois as famílias nucleares que são maioritárias no momento fixado pelo inquérito, podem já ter sido complexas noutra fase do ciclo de vida familiar, logo não é possível encontrar características verdadeiramente diferenciadoras destes dois tipos familiares apenas a partir de uma análise estatística.

Como nos foi possível confirmar, a complexidade familiar em meio urbano, nos nossos dias, só se pode compreender se utilizarmos uma análise mais dinâmica, de tipo intensivo, porque é um fenómeno transitório ou melhor ainda cíclico, dado que se repete ao longo da trajectória familiar. Assim, o processo de formação de um grupo doméstico complexo decorre fundamentalmente das lógicas e das estratégias familiares que são accionadas sempre que é necessário proceder a uma reorganização da família, dependendo assim apenas da vontade dos indivíduos em questão.

É esta reprodução da complexidade familiar que nos indica que ela só é possível dada a permanência das solidariedades primárias em contexto urbano. De facto, é a persistência de um espírito de entreajuda e de uma norma de reciprocidade e solidariedade no seio da família que, juntamente com a necessidade que estas famílias têm de superar as suas carências económicas e habitacionais, nos permite compreender a existência de grupos domésticos complexos em Alfama nos nossos dias.